



1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

Epílogo

Apêndice para amantes de histórias verdadeiras

Autor

Créditos

Era uma vez, num grande bosque, uma pobre lenhadora e um pobre lenhador.

Não não não não, sossegue, não é *O Pequeno Polegar!* De jeito nenhum. Eu mesmo, assim como você, detesto essa história ridícula. Onde e quando já se viu pais abandonarem os filhos porque não podem alimentá-los? Ora essa...

Portanto, naquele grande bosque reinavam uma grande fome e um grande frio. No inverno sobretudo. No verão, um calor sufocante abatia-se sobre o bosque e enxotava o grande frio. Em compensação, a fome era constante, mais ainda naqueles tempos em que a guerra mundial assolava ao redor daquele bosque.

A guerra mundial, sim sim sim sim sim.

Como pobre lenhador fora requisitado para trabalhos de interesse público — em benefício apenas dos vencedores que ocupavam cidades, aldeias, campos e florestas —, era portanto pobre lenhadora que, do amanhecer ao crepúsculo, percorria o bosque na esperança, volta e meia frustrada, de abastecer seu minguado lar.

Felizmente — para alguma coisa serve a desgraça — pobre lenhador e pobre lenhadora não tinham filhos para alimentar.

Todo dia o pobre lenhador agradecia aos céus por essa graça. Quanto à pobre lenhadora, lamentava-se disso, secretamente.

Não tinha filho para alimentar, decerto, mas tampouco filho para querer bem.

Por isso, rezava aos céus, aos deuses, ao vento, à chuva, às árvores, até ao sol quando seus raios perfuravam a folhagem, iluminando a borda de seu bosque com uma transparência ofuscante. Suplicava assim a todas as potências do céu e da natureza que se dignassem de lhe conceder enfim a graça da vinda de um filho.

Pouco a pouco, com a idade chegando, compreendeu que todas as potências celestes, terrestres e feéricas tinham se coligado ao lenhador seu marido para privá-la de um filho.

Então, daí em diante rezou para que pelo menos cessassem o frio e a fome de que sofria de manhã à noite, de noite como de dia.

Pobre lenhador levantava-se antes do amanhecer a fim de dedicar todo o seu tempo e todas as suas forças de trabalho à construção de edifícios militares de interesse geral e até general.

A pobre lenhadora, ventasse ou chovesse, nevasse ou reinasse aquele calor abafado que mencionei a você, essa pobre lenhadora, portanto, percorria seu bosque em todas as direções, recolhendo cada raminho, cada lasquinha de madeira morta, apanhada e arrumada como um tesouro esquecido e redescoberto. Também recolhia as raras armadilhas que seu marido lenhador montava de manhã quando ia para sua labuta.

A pobre lenhadora, você há de convir, dispunha de poucas distrações. Caminhava, com a fome no ventre, remoendo na cabeça desejos que agora já não sabia como formular. Contentava-se em implorar aos céus que comesse, ainda que um só dia, o suficiente para matar a fome.

O bosque, o seu bosque, a sua floresta, estendia-se vasto, cerrado, indiferente ao frio, à fome, e desde o início daquela guerra mundial, homens requisitados, com máquinas poderosas, tinham perfurado o seu bosque em toda a sua extensão a fim de instalar trilhos naquela trincheira e, fazia pouco, inverno como verão, um trem, um único trem passava e repassava naquela via única.

Pobre lenhadora gostava de ver passar aquele trem, o seu trem. Olhava para ele febril, imaginava viajar também, arrancando de si aquela fome, aquele frio, aquela solidão.

Pouco a pouco regulou sua vida e seus afazeres pelas passagens do trem. Não era um trem de aspecto sorridente. Simples vagões de madeira com uma espécie de lucarna única guarnecida de grades, que enfeitava cada um deles. Mas como pobre lenhadora nunca tinha visto outros trens, aquele lhe

convinha perfeitamente, sobretudo desde que o marido, respondendo às suas perguntas, declarara em tom peremptório que se tratava de um trem de mercadorias.

Essa palavra “mercadorias” acabou de conquistar o coração e inflamar a imaginação da pobre lenhadora.

“Mercadorias!” Um trem de mercadorias... Agora via aquele trem transbordando de mantimentos, roupas, objetos, via-se percorrendo aquele trem, servindo-se e se fartando.

Aos poucos a excitação deu lugar à esperança. Um dia, talvez um dia, amanhã, ou depois de amanhã, ou pouco importa quando, o trem terá enfim piedade de sua fome e, ao passar, lhe dará como esmola uma de suas preciosas mercadorias.

Logo ela tomou coragem, aproximando-se o mais possível do trem, chamando-o, gritando por ele com um gesto, implorando-o com a voz, ou simplesmente saudando-o quando estava longe demais para chegar a tempo.

Por fim, de vez em quando uma mão passava por uma das lucarnas e lhe respondia. Também de vez em quando uma daquelas mãos lançava para ela alguma coisa que ela então ia correndo pegar, agradecendo ao trem e à mão.

Quase sempre, era apenas um pedaço de papel que ela desamassava com cuidado e imenso respeito antes de dobrá-lo de novo e guardá-lo sobre o coração. Seria o prenúncio de um presente futuro?

Muito tempo depois da passagem do trem, quando caía a noite, quando a fome se fazia sentir demasiado, quando o frio a fustigava mais, e a fim de não sentir um grande aperto no coração, ela tornava a desdobrar o papel com um respeito religioso e contemplava os rabiscos ininteligíveis, indecifráveis. Não sabia ler nem escrever, em nenhuma língua. Seu simplório marido, de seu lado, sabia um pouco, mas ela não queria dividir com ele, nem com ninguém, o que seu trem lhe oferecia.

Assim que ele descobriu aquele vagão de mercadorias — vagão de animais, tendo em vista a palha no chão —, soube que a sorte deles ficara para trás. Até ali, de Pithiviers a Drancy, contaram com a sorte de, pelo menos, não ficarem separados. Infelizmente, tinham visto todos os outros, os azarados, partirem uns após outros sabe-se lá para onde, mas eles permaneceram juntos. Deviam, pensava, essa graça à presença de seus gêmeos queridos, Henri e Rose, Hershele e Rouhrelé.

Na verdade, os gêmeos tinham começado a se manifestar no pior momento, na primavera de 1942. Era lá hora de pôr no mundo uma criança judia? Pior, duas crianças judias de uma só vez? Era lá hora de deixá-los nascer assim sob uma boa estrela amarela? Porém, graças a eles, tinha certeza, passaram o Natal de 1942 no campo de Drancy, juntos, sempre.

E sua boa estrela e a administração judia do campo tinham até mesmo lhe arrumado um emprego! Ele estava quase terminando os estudos de medicina — especialidade cirurgia olhos nariz garganta ouvidos —, e em Drancy, lhe disseram, havia muitos médicos, muitos doentes também, é verdade — em qualquer lado onde há judeus, há muitos médicos e ainda mais doentes —, mas como dois de seus cabeleireiros acabavam de partir... Cabeleireiro? Sim, tudo bem.

Era inútil arrancar os cabelos e tentar entender, já não havia mais nada a entender.

Enquanto houve gendarmes franceses para tomar conta deles, ele os penteara. Vira muitas vezes o pai agitar suas tesouras, fazê-las estalar no ar como se quisesse prevenir os cabelos do cliente que dali a pouco passaria à ofensiva, e depois, fixando a nuca, concentrado, atirar-se sobre o redemoinho rebelde, sobre o pequeno tufo a raspar com um gesto decisivo. Até os

cabeleireiros de profissão o haviam confundido com um deles.

Mas quando os gendarmes nacionais foram substituídos pelas fardas cinzentas, só lhe restaram os membros da administração e alguns internos que apelavam para seus serviços, clientela relativa e desesperada, a quem era preciso mentir e mentir. “Mas claro, claro, está tudo bem, vai dar certo, vai dar tudo certo...”

Na primavera de 42, sim, por pouco eles não lhes deram um fim, sem saber, aliás, que seriam dois. Mas sua esposa, depois de refletir, desejara guardá-los. Ela terminou dando à luz dois serezinhos já judeus, já fichados, já classificados, já procurados, já perseguidos, uma menina e um menino, já berrando em coro como se soubessem, como se compreendessem. “Eles têm os olhos do pai”, decretou a mãe. Sim, seus primeiros gritos foram terríveis. Só a mãe, transbordando de leite e de esperança, soube acalmá-los. Eles logo pararam de berrar em coro e afinal, confiantes, continuaram a mamar, em sonho.

Naquela pequena e discreta clínica de partos da Rue de Chabrol, num canto da cidade de Hauteville, até lhe propuseram ficar com as crianças e entregá-las a uma família confiável. O que é uma família confiável? “Que família para eles pode ser mais confiável do que a formada por seu próprio pai e sua própria mãe?”, exclamara Dinah, apertando os gêmeos contra os seios, orgulhosa. Ela que, apesar das privações, apesar de Drancy, era, diziam, provida de leite para quatro. Transbordava de leite, de amor e de confiança. Deus poderia ter dado a vida àqueles dois querubins sem a intenção de ajudá-los a crescer?

E agora, ali estava, sobre a palha, apertando os filhos contra si, sacolejados naquele trem, sem leite para alimentá-los. Drancy derrotara, enfim, seu leite, sua confiança e sua fé. Ali, naquela confusão, naquele pânico, naqueles gritos, naquelas lágrimas, o pai, o marido, o falso cabeleireiro, o ainda não médico, mas já o verdadeiro judeu, buscava um lugar para abrigar a família. Observando os companheiros de viagem, encarando-os, teve uma iluminação. Não não, não estavam levando aqueles velhos, aquele cego, aquelas crianças, aqueles gêmeos e os outros, não, não os estavam levando para trabalhar. Despachavam-nos para

longe dali, já não os queriam ali, mesmo marcados, mesmo estrelados, mesmo fichados, mesmo aprisionados, mesmo privados de liberdade, de tudo e de tudo, mesmo assim já não os queriam.

Por isso os despachavam. Mas para onde? Em que lugar deste mundo os queriam? Qual país estava disposto a acolhê-los? Qual país os teria recebido de bom grado naquele mês de fevereiro de 1943?

O problema não era esse. Dinah já não tinha, ou tinha muito pouco leite. Drancy secara seus seios. Os rumores, a partida dos pais dela, depois do pai dele. Partiram e desde então não tinham dado mais sinal de vida. Ela estava encolhida no chão, ali mesmo onde, fazia pouco, havia vacas ou cavalos que certamente eram levados a um matadouro. Estendera seu xale de lã dos Pirineus que lhe tinham deixado por bondade, para enrolar os gêmeos. Reinavam o frio, a guerra, o medo. Ela ninava um, e então o outro chorava. Ela ninava o outro, o primeiro resmungava. Eram dois belos bebês, um menino, uma menina. “A escolha do rei”, repetiam-lhe. “Os mais belos bebês do mundo. Com os dois, eis que vocês estão realizados para o resto da vida! Tive três filhas antes de ter meu filho! Vocês, vocês já têm os dois!” Onde estarão agora? Cada um ia desfiando suas lembranças, seus gritos, sua raiva. A prostração, a exasperação. Uma mulher cantava em iídiche uma canção de ninar. Dinah compreendia iídiche, mas fingia não o conhecer.

Que fazer? Que fazer, indagava o ex-falso cabeleireiro. Até ali, acreditara cumprir à perfeição seu papel de pai apesar de todas as dificuldades. Apesar dos obstáculos, soubera proteger seus gêmeos. Importunara a administração do campo. “Seus gêmeos! Meus gêmeos!” Tinham se tornado os gêmeos de todo mundo, aqueles que precisavam ser salvos, protegidos, e pois é... pois é. Ele se sentia desarmado, fora de si, não sabia mais o que fazer. Não podia continuar assim, tinha o dever de retomar seu papel, precisava encontrar uma solução. Já dois dias de viagem. O odor, o odor insustentável. O balde sobre a palha num canto e a vergonha, a vergonha partilhada, a vergonha desejada, prevista

*image
not
available*

Aquele embrulho é para ela. Só para ela. Ele lhe é destinado.

Pobre lenhadora se livra então de seu magro feixe de inverno e, tão depressa quanto a neve lhe permite, precipita-se sobre o embrulhinho para arrancá-lo da neve. Depois, avidamente, febrilmente, desata os nós como quem rasga a embalagem de um presente misterioso.

Então aparece, ó maravilha, o objeto, o objeto pelo qual ela clamava fazia tantos dias com todos os seus votos, o objeto de seus sonhos. Mas eis que o embrulhinho, o objeto apenas desfeito, em vez de lhe sorrir e lhe estender os braços, como fazem os bebês nas imagens sacras, agita-se, berra, cerra os punhos brandindo-os bem alto em seu desejo de viver, torturado pela fome. O pacote protesta, e protesta ainda mais.

Nossa pobre lenhadora aperta a criaturinha contra si, enfiando-a sob seus lenços sobrepostos, e eis que começa a correr e correr ainda mais, apertando seu tesouro contra o peito. De repente, fica imóvel, sente uma boca ávida chupando seu magro seio, depois para e berra de novo, agitando-se ainda mais, debatendo-se, gritando, berrando. Ela tem fome, aquela criança tem fome, meu filho tem fome. Ela se sente transformada em mãe, a um só tempo feliz e mortalmente inquieta. Realizada mas espantada. Ei-la mãe, e mãe sem leite. Meu filho tem fome, que fazer, que fazer? Por que o deus do trem de carga não lhe deu leite para alimentar a criança que lhe ofereceu? Por quê? Mas então, em que pensam os deuses? Com que querem que eu a alimente?

Chegando em casa, o embrulhinho posto sobre a cama se contorce cada vez mais, animado pela energia do desespero e por uma fome de lobo que caiu na armadilha. Pobre lenhadora então acende um fogo, joga água em sua chaleira, e procura, procura, e procura ainda mais.

Enquanto a água ferve, encontra um resto de *kasha*^[1] que vai pôr para macerar na água fervida, mas antes, para acalmar seu pacotinho, estende o dedo para a boca ávida. O pacotinho o agarra e chupa, chupa, com uma fúria obstinada. Depois, de repente, percebendo o engodo, para de chupar e recomeça a

*image
not
available*

— Que marca? — interroga pobre lenhadora enquanto dá, por sua vez, uma olhadela. — Não vejo marca nenhuma!

— Veja, ele não é feito igual a mim.

— Não, mas ela é feita igual a mim. Olhe como é bonita.

Pobre lenhador desvia os olhos às pressas, e depois de coçar o occipital sob o boné, torna a fechar o pacotinho, o qual empurra com os punhozinhos fechados as mãos que o atormentam.

— O que está fazendo? — inquieta-se pobre lenhadora ao ver pobre lenhador agarrá-lo e ir em direção à porta. — Aonde você vai?

— Vou depositá-lo de novo perto da estrada de ferro.

Então pobre lenhadora se precipita como uma fúria e tenta arrancar do lenhador seu pacotinho. Sem conseguir, agora lhe barra a passagem, declarando:

— Faça isso, lenhador, e terá de me jogar junto com ela debaixo das rodas do trem de carga, e os deuses, todos os deuses, os dos céus, da natureza, do sol e do trem, te perseguirão aonde quer que você vá! Faça o que fizer!

Pobre lenhador, imóvel, hesita um instante. Devolve à pobre lenhadora o “pacotinho” que se tornou “mercadoriazinha”, já que sua natureza nos foi revelada e que essa natureza é incontestavelmente feminina.

Portanto, a mercadoriazinha, passando assim de braço em braço, entre gritos e fúria, também começa a berrar subitamente como mil trombetas em surdina.

Pobre lenhador, que não parece ser um grande apaixonado por música, também tapa os ouvidos, berrando:

— Está bem! Está bem! Que assim seja e que toda a desgraça que vier seja a sua desgraça!

Então, pobre lenhadora, apertando sua mercadoriazinha contra o coração, diz:

— Ela fará a minha felicidade e a sua.

— Obrigado! Guarde toda a felicidade para você! Que ela lhe faça um grande bem! Mas saiba que não quero mais ouvi-la, nem vê-la, nunca mais! Vá colocá-la no depósito de lenha! Faça com que se cale e estamos conversados!

*image
not
available*

lenços e entre eles enfiou sua mercadoriazinha, envolta no xale fornecido pelos próprios deuses, aquele xale de franjas de ouro e prata e que parece tecido por mãos de fada.

Em seguida, alcançou aquela parte do bosque em que ninguém se aventura sem tremer nem entregar a alma a Deus. Na beira do bosque, encontra a escuridão que reina em permanência naquela parte. Espia. O homem está lá? Acaso a está vendo? E a cabra? A cabra ainda está neste mundo? Ainda dá leite?

Antes de sair, tentou alimentar de novo sua mercadoriazinha querida com um resto de papa de *kasha*. Não deu certo. A *kasha* foi cuspada. E agora, a cabecinha fria da mercadoriazinha balança sem força. Ela precisa de leite, pensa, leite, leite, senão... Não não, impossível, os deuses não lhe deram esse presente para deixá-la morrer em seus braços!

Pobre lenhadora penetra na escuridão, passando sob os galhos baixos, invocando os deuses do trem, e da natureza, e dos bosques, e das cabras. Implora até mesmo pela ajuda de fadas, nunca se sabe, e até pela dos espíritos maléficos que não conseguiriam, sem se rebaixar, se aferrar a uma inocente criança. “Ajudem-me, ajudem-me todos”, murmura na barafunda dos galhos que estalam sob seus passos. Nunca ninguém vai apanhar lenha ali. A própria neve só raramente chega ao chão. Ela derrete na copa das árvores e se acumula sobre os galhos baixos.

— Quem vai aí?

Pobre lenhadora não se move.

— Uma pobre lenhadora — responde com voz trêmula.

A voz recomeça:

— Que a pobre lenhadora não dê mais um passo!

Ela se imobiliza. A voz prossegue:

— O que quer a pobre lenhadora?

— Leite para meu filho!

— Leite para seu filho?

Ouve-se então como que um riso sinistro.

Em seguida, depois de uns arranhões de botas em cima da madeira podre, aparece um homem com uma *chapka*^[2] na cabeça

Sem tesouras, armado de uma simples máquina de cortar cabelo, o pai dos gêmeos, o marido de Dinah, nosso herói, depois de ter vomitado seu coração e engolido suas lágrimas, começou a raspar e a raspar milhares de crânios, entregues por trens de carga vindos de todos os países ocupados pelos carrascos devoradores de estrelados.

Aqueles crânios, aquela máquina, o pensamento secreto de que talvez, talvez... fizeram dele, sem querer, momentaneamente, um sobrevivente.

*image
not
available*

No dia seguinte, onde quer que pusesse a mão, era o coração da mercadoriazinha que ele sentia bater sob a palma. Dali em diante, no segredo de seu coração afogado numa doçura desconhecida, ele também chamava a pequena sem-coração de sua mercadoriazinha. E quando, por um grande e raro acaso, via-se a sós com ela, esticava-lhe um dedo hesitante que logo a menina agarrava e não queria mais soltar. Então sentia uma alegre e benfazeja doçura.

Até que um dia a pequena, arrastando-se de gatinhas pelo chão do casebre, pegou a barra de sua calça, e assim, com a ajuda das duas mãos, levantou-se e agarrou-se a um de seus joelhos remendados. Pobre lenhador não conseguiu reprimir um grito:

— Ei, velha! Venha! Venha ver! Venha ver!

Agora a menina se segurava com uma só mão, cambaleando, buscando equilíbrio. Pobre lenhador exultava:

— Está vendo? Está vendo?

Pobre lenhadora se extasiou e depois aplaudiu. A menina, tentando por sua vez bater palmas, largou a calça e caiu de bunda no chão, dando uma grande gargalhada. Pobre lenhador, de pernas para o ar, arrancou a criança do chão e a brandiu como um troféu de vitória, berrando de alegria e exclamando:

— Aleluia!

Nos dias que se seguiram, pobre lenhador assim como pobre lenhadora já não sentiram o peso dos tempos, nem a fome, nem a miséria, nem a tristeza de sua condição. O mundo lhes pareceu leve e seguro apesar da guerra, ou graças a ela, graças àquela guerra que lhes dera de presente a mercadoria mais preciosa. Os três dividiram um imenso feixe de felicidade, ornamentado por algumas flores que a primavera lhes oferecia para iluminar o interior da casa.

*image
not
available*

Os dias, os meses se passaram. O falso cabeleireiro, o pai dos ex-gêmeos, raspava, raspava e raspava. Depois recolhia os cabelos, os louros, os castanhos, os ruivos, e fazia trouxas com aquilo. Trouxas que se juntavam a outras trouxas, outros milhares de trouxas, feitas de outros cabelos. Os louros, que eram os mais procurados, os castanhos, e até os ruivos. Que faziam com cabelos brancos? Todos aqueles cabelos partiam para o país dos generosos conquistadores a fim de se transformarem em perucas, enfeites, tecidos de decoração ou simples panos de chão.

O pai dos ex-gêmeos desejava morrer, mas bem no fundo dele crescia uma sementinha insana, selvagem, resistindo a todos os horrores vistos e sofridos, uma sementinha que crescia e crescia, mandando-o viver, ou pelo menos sobreviver. Sobreviver. Daquela sementinha de esperança, indestrutível, ele zombava, desprezava-a, afogava-a sob ondas de amargura, e no entanto ela não parava de crescer, apesar do presente, apesar do passado, apesar da lembrança do gesto alucinado que lhe valera que sua amada tão meiga não lhe desse nem mais um olhar, não lhe dirigisse mais uma só palavra, até se deixarem naquela plataforma de estação sem estação, na descida daquele trem dos horrores. Ele nem sequer pôde manter apertado contra o peito, ainda que por um segundo, o gêmeo que restara, antes que se abandonassem para todo e sempre. Teria chorado ainda mais, se tivesse nos olhos algumas lágrimas restantes.